

CHAMADA

Perspectivas e desafios nos inter-relacionamentos natureza-sociedade por meio das experiências religiosas e espirituais

EDITORES CONVIDADOS

Juan Manuel Saldívar Arellano, Dr.

Universidad de los Lagos (Chile)

juan.saldivar@ulagos.cl

Luis Carlos Castro Ramírez, Dr.

Universidad de los Andes (Colômbia)

olofidf@gmail.com / lc.castro84@uniandes.edu.co

PERÍODO DE SUBMISSÃO

1 de janeiro - 16 de abril, 2023

DIRETRIZES DE SUBMISSÃO

<https://bit.ly/NySconvocatorias>

Algumas das questões centrais propostas pela Unesco na Agenda 2030 sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são a proteção, gestão e sustentabilidade da biodiversidade (recursos naturais) em reservas, biosferas e geoparques, bem como o cuidado dos recursos marítimos, tais como oceanos, costas e segurança hídrica em geral. Além da crescente preocupação com a mudança climática e o aquecimento global, para enfrentar essas questões, foram delineadas ações para projetar, cogerir e construir políticas públicas para a preservação do meio ambiente. Dessa forma, os sistemas naturais foram vinculados a quatro componentes (simbólicos, ecológicos, econômicos e políticos), nos quais transita uma série de aspectos associados a paradigmas de interdisciplinaridade em torno da conservação de cenários sociobiodiversos. Essas ideias podem ser pensadas — entre outras possibilidades — como diálogos centrados na ecologia cultural e na ecologia política que propõem o cuidado e o uso do meio ambiente como um sistema vivo e recíproco. Essas discussões enfatizam a construção de territórios e “maritórios” como espaços com interações e relações ecossistêmicas.

Com base em uma perspectiva pós-construtivista, Tim Ingold entende o humano-não-humano como um processo de “junteridade”, no qual viver juntos se refere à existência de mundos conectados a partir de visões ecoespirituais, a partir das quais a natureza é concebida como um corpo sacionatural em que confluem vertentes de conhecimento que permitem a correlação da natureza, dos recursos naturais e dos seres humanos. Essas questões não estão isentas de discrepâncias quando se consideram o cuidado com a natureza, os espaços naturais e tudo o que os habita. Tais cenários tornam-se caminhos propícios para o diálogo e a tomada de decisões relativas à concepção de políticas públicas de gestão e conservação ambiental.

As conexões das pessoas com a natureza são mediadas por diferentes dimensões: culturais, históricas, políticas, sociais, religiosas, entre outras. Assim, algumas expressões religiosas e espirituais enfatizam a gestão de recursos através de subjetividades que implicam uma visão consensual e equilibrada da natureza e do meio ambiente, por exemplo, as danças dos concheros no México, as cerimônias de alimentar a terra nas tradições religiosas de inspiração afro originárias de Cuba ou os pagamentos à terra realizados por comunidades indígenas na Serra Nevada de Santa Marta, na Colômbia.

As manifestações religiosas ou espirituais não são aqui compreendidas como aspectos epifenônicos da vida cotidiana, senão experiências centrais e com impacto em todas as esferas da ação humana¹. Nesse sentido, os mundos social, natural e transcendente — que não estão separados em todas as sociedades — convergem e influenciam as formas como as pessoas habitam esses universos e, dessa forma, as interconexões e aproximações entre humano-não-humano-natureza são reconfiguradas. Essas formas de ser e estar no mundo às vezes se traduzem em práticas que podem ser conflituosas para um ou outro grupo populacional, à medida que entram em tensão com as disposições da sociedade dominante e com as organizações de defesa da fauna e dos direitos dos animais em todo o mundo. Considere, por exemplo, o festival Gadhima, no Nepal, no qual milhares de búfalos e outras espécies animais são sacrificados; os sacrifícios em muitas das religiões de inspiração afro que estão na diáspora em todo o mundo; menos controversas, as práticas religiosas de sacrifício de animais para o consumo da lei judaica conhecida como “kashrut”; ou o consumo de espécies ameaçadas de extinção, como a hicotea (*Trachemys callirostris*) durante a Semana de Páscoa, que faz parte das tradições gastronômicas das comunidades ribeirinhas ancestrais que vivem às margens do rio Sinú, no Caribe colombiano.

¹ A fim de conseguir uma maior abertura para a discussão do número temático aqui proposto, optamos por falar não apenas de sistemas religiosos ou religiões — em seu vínculo com a natureza —, mas também de expressões e experiências religiosas e espirituais, com as quais queremos abrir espaço para dinâmicas que não tenham necessariamente uma institucionalidade e/ou especialização religiosa.

O objetivo deste dossiê é compreender as formas em que diferentes experiências religiosas e espirituais afetam as relações do ser humano com a natureza no mundo contemporâneo. Longe de ser uma relação unidirecional, entende-se que, ao mesmo tempo, essas experiências religiosas são afetadas por diversas variações dos ambientes socioculturais, sócio-históricos, socionaturais e sociogeográficos em que estão instaladas. Por que pensar sobre as relações entre natureza, religiões, crenças e espiritualidades no mundo contemporâneo? Ao mesmo tempo que os discursos sobre natureza, mudança climática, preservação do meio ambiente e recursos renováveis e não renováveis se tornaram globais, houve também um crescimento nos estudos que se preocuparam com os fenômenos religiosos e as espiritualidades, questionando as formas como a vida cotidiana dos seres humanos é afetada por eles. As interconexões entre essas dinâmicas — como foi sugerido acima — não estão livres de tensões, ainda mais quando se considera que ambas proporcionam concepções nem sempre coincidentes sobre a natureza, a presença do ser humano e a relação estabelecida entre eles. Ambos os fenômenos sociais dão origem a questões de políticas públicas que às vezes não estão claramente estabelecidas e precisam ser estudadas de um ponto de vista fronteiriço.

Esses problemas são exacerbados por processos migratórios — transnacionais e nacionais — em todo o mundo, que influenciam as reapropriações e rearranjos que as espiritualidades podem ter nos novos locais de acolhimento. Como podemos pensar em manifestações religiosas e espirituais, justamente em sua conexão com a natureza, quando estas também estão em permanente movimento e vão além das fronteiras originais? Ou seja, se as diferentes manifestações religiosas entrelaçam as relações humano-não-humano-natureza, nas quais as pessoas se inscrevem desde o momento em que nascem e, com elas, são cocriados exercícios de territorialização que dão origem, por exemplo, a santuários naturais e religiosos, de que forma são ressignificadas as relações das diferentes religiosidades e espiritualidades com um novo ambiente natural? Cenas de oferendas feitas a várias espiritualidades em rios, mares, florestas ou ambientes urbanos são cada vez mais frequentes na Europa, na América do Norte e na América do Sul com a chegada de práticas religiosas de inspiração afro oriundas do Brasil ou de Cuba. Essas oferendas podem ser vistas como parte das tradições ancestrais e da comunhão com a natureza, mas também como uma dinâmica de poluição ambiental.

Assim, se for aceito, pelo menos parcialmente, que as concepções da natureza são construídas social, cultural e historicamente e que, nessa medida, são dinâmicas e mudam de acordo com as lógicas locais e globais, ao mesmo tempo que se reconhece que fenômenos religiosos e espirituais, ao invés de manifestações simbólicas, tornam-se poder real sobre os mundos habitados, então surgem questões relevantes que permitem uma compreensão mais ampla das relações natureza-cultura de hoje, por exemplo, como as concepções de justiça ambiental se interligam com posições ontológicas

sobre a natureza e o religioso? Como as concepções de justiça ambiental se interligam com posições ontológicas sobre a natureza e a religião? Como as lógicas religiosas e econômico-extrativistas entram em conflito e disputam um lugar de saber-fazer e de relacionar-se com o mundo natural? Como as questões ambientais, tais como as decorrentes da escassez de recursos, mudança climática, desastres naturais e pandemias, são percebidas e tratadas pelos diferentes atores? A esse respeito, encontramos experiências de todo o mundo, como a das comunidades indígenas Wayuu de La Guajira, na Colômbia, sua relação com a gestão de recursos naturais como a água e sua luta contra a extração de carvão pelas multinacionais; as tradições ancestrais e espirituais das comunidades indígenas ao norte de San Juan, na Argentina, e sua resistência a megaprojetos de mineração; as inter-relações com entidades não humanas dos Q'ero nos Andes peruanos como opção para lidar com a mudança climática; ou os movimentos ambientalistas budistas na Tailândia que se opõem ao desmatamento e à perda de biodiversidade resultante do desenvolvimento de projetos estatais.

Este dossiê visa contribuir para o necessário diálogo transdisciplinar entre as diferentes concepções de natureza, recursos renováveis e não renováveis, mudança climática, entre outros, produzidos por diferentes setores da sociedade, e que podem entrar em tensão com práticas, crenças espirituais e formas de relacionamento que concebem o mundo natural de maneiras diferentes àquelas das sociedades dominantes governadas por lógicas econômicas desenvolvimentistas ou científicas e tecnocráticas. Dadas as mudanças dramáticas vividas em todo o planeta, abordagens que visam tecer diálogos transculturais que repensem e encontrem alternativas para tornar viável a permanência de todos os seres vivos no mundo em que vivemos parecem oportunas.

Assim, este dossiê está comprometido com um diálogo inter-trans-disciplinar que considera, a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas, as relações que são tecidas entre os diferentes sistemas e experiências religiosas com a natureza. Nesse sentido, esperamos propostas analíticas e interpretativas baseadas na experiência e que articulem teoria e prática, assim como análises teóricas baseadas em dinâmicas sociais concretas, e que essas contribuições façam avançar as discussões e interpretações dentro desse campo de estudo a partir das ciências sociais, humanas e naturais. Assim, o dossiê está aberto a contribuições dos campos da ecologia, da antropologia, da arqueologia, da medicina, da arquitetura, da sociologia, da psicologia, do direito, da economia, da história, da geografia, da política e dos estudos culturais, literários e artísticos. Essa ampla gama de disciplinas significa que a dinâmica social a ser discutida apresenta um nível de complexidade cujo entendimento não se esgota por uma ou outra abordagem teórico-metodológica.

Eixos temáticos

- Justiça ambiental e práticas religiosas
- Relações ambientais e diásporas religiosas
- Santuários naturais e arquiteturas sagradas
- Práticas religioso-espirituais e conservação ambiental
- Políticas públicas relacionadas à natureza e às tradições religiosas e espirituais
- Natureza e relações religioso-terapêuticas
- Mercados transnacionais da natureza e das espiritualidades
- Catástrofes naturais e experiência religiosa

Finalmente, este número temático está aberto a propostas — escritas em espanhol, inglês e português — que não estejam necessariamente circunscritas aos eixos aqui indicados, mas que, de alguma forma, tratem de questões relacionadas com experiências religiosas e espirituais em conexão com as relações natureza-sociedade. Do mesmo modo, também receberemos com satisfação conteúdos que trabalhem com diversas tradições ou sistemas religiosos ou espirituais, incluindo cosmogonias indígenas, religiões de matriz afro, judaico-cristã, islâmica, hinduista, budista, entre outras.

Palavras-chave: expressões religiosas e espirituais, relações ambientais, relações humano-não-humano, natureza, natureza-cultura